

A “PEDAGOGIA” DE GRACE MULLIGAN: UMA LEITURA FREIRIANA DO FILME MANDERLAY, DE LARS VON TRIER

Luiz Fernando de Oliveira (UFMG) - luizfernandodeoliveira@gmail.com

Resumo: O presente texto traz uma leitura, à luz do pensamento de Paulo Freire, do filme *Manderlay*, dirigido pelo cineasta dinamarquês Lars von Trier. Trata-se de um esforço por trazer à discussão elementos da obra freiriana, comunicando-os com o longa-metragem em questão, procurando contribuir para a atualização de tais elementos no debate e nas pesquisas em Educação. A trama do filme gira em torno do tema da liberdade, que, enquanto “doação”, tende a produzir novas formas de opressão e de mitificação, como defende Paulo Freire. A libertação dos oprimidos deve partir dos próprios oprimidos, deve ser conquistada por eles, sendo a educação problematizadora e dialógica, política por excelência, um dos caminhos do processo autenticamente revolucionário. Aqui, o filme *Manderlay* é apresentado como um recurso para a reflexão sobre a formação e a prática docentes, com a intenção de levantar questões sobre as possibilidades da construção de uma “educação como prática da liberdade”.

Palavras-chave: Educação; Paulo Freire; Lars von Trier.

The “Pedagogy” of Grace Mulligan: A Freirian reading of Lars von Trier’s film Manderlay

Abstract: Under the influence of Paulo Freire, this text looks into the film *Manderlay*, made by Danish director Lars von Trier. We endeavor to bring to life elements of the works of Paulo Freire, making a dialogue with the film in question, trying to contribute to the actualization of such elements for the debate and the researches in the area of Education. The plot of the film hovers around the topic of freedom which, while seen as a “donation”, tends to bring about new forms of oppression and the creation of new myths, as defended by Paulo Freire. The liberation of the oppressed must be realized by the oppressed themselves, freedom must be conquered by them, through an education that problematizes, being dialogic by nature, political *par excellence*, as one of the means of the authentically revolutionary process. Here, the film *Manderlay* is presented as a resource for a reflection on the formation and the practice of teachers, with the aim at raising issues on the possibilities for the construction of an “education as a practice in freedom”.

Keywords: Education; Paulo Freire; Lars von Trier.

DOI: 10.28998/2175-6600.2015v7n14p148

No fundo, diminuo a distância que me separa das condições malvadas em que vivem os explorados, quando, aderindo realmente ao sonho de justiça, luto pela mudança radical do mundo e não apenas espero que ela chegue porque se disse que chegará (FREIRE, 1996, p. 138).

Este trabalho apresenta uma leitura do filme *Manderlay*, à luz do pensamento político-pedagógico de Paulo Freire. Há, no filme em questão, elementos a partir dos quais é possível levantar reflexões importantes a respeito da obra freiriana, assim como de práticas educativas em todos os níveis de ensino, o que faz do filme um potencial instrumento de debate para professores, licenciandos, e pesquisadores da Educação.

Manderlay, lançado em 2005, é a continuação de *Dogville*, lançado em 2003, ambos¹ roteirizados e dirigidos pelo cineasta dinamarquês Lars von Trier, nos quais a proposta estética foi a de filmá-los com uma quantidade bastante limitada de elementos cênicos. O cenário foi produzido de modo a ocupar pouco espaço: não há paredes nas “casas” e nas demais “edificações”, o que concede ao olhar do público uma espécie de onisciência planejada dos eventos. Nada é escondido do espectador, embora a trama dos filmes se passe como se os elementos cênicos estivessem ali.

No filme *Dogville*, a misteriosa protagonista Grace Margaret Mulligan (Nicole Kidman) chega à pacata cidade fictícia que dá nome ao longa-metragem, fugindo do seu pai, um temido chefe de uma gangue de mafiosos. Por meio da interseção de Thomas Edison Jr. (Paul Bettany), ou simplesmente Tom, os moradores da cidade permitem que a fugitiva fique morando com eles, desde que ela os ajude, fazendo pequenos trabalhos do dia-a-dia. Vão se passando os dias, e os moradores começam a se sentir ameaçados pela gangue do pai de Grace; então eles passam a exigir esforços cada vez maiores da jovem, caso ela queira continuar refugiada naquela localidade. Mesmo executando trabalhos árduos, passando por humilhações e sofrendo explorações sexuais, Grace opta por permanecer ali, até o momento em que seu pai, juntamente com seus gângsteres, a encontra na cidade e propõe a ela que retorne para a casa, a fim de poderem voltar a trabalhar juntos. Grace aceita, e pai, filha e gângsteres vão embora de Dogville, não sem antes promoverem uma chacina que acaba com a vida de todos os moradores da cidade.

¹ Tratam-se das duas primeiras partes do projeto de uma trilogia intitulada *EUA – Terra das oportunidades*, da qual o último filme, inédito até esta data, tem o título provisório de *Washington*.

O grupo foge de Dogville, percorrendo um longo percurso dentro dos Estados Unidos, até chegar à Manderlay, onde se iniciam os eventos do filme homônimo.

Segue a análise do filme *Manderlay*, feita à luz do pensamento de Paulo Freire, sobretudo com base em sua obra *Pedagogia do oprimido*. Antes, contudo, cabem algumas advertências: 1) a análise apresentada neste trabalho é produto de uma *leitura livre* do filme, cuja trama se desenvolve em um contexto muito diferente daquele a partir do qual o educador brasileiro elaborou a sua produção intelectual, por isso, é recorrente aqui o uso de *analogias* entre os eventos do filme e a obra freiriana; 2) não é intento deste trabalho a assimilação da obra de Lars von Trier a qualquer linha de pensamento político ou pedagógico, tampouco pretende-se vinculá-la ao pensamento de Paulo Freire ou de outro autor, não obstante, há o uso de elementos da obra freiriana, que, emparelhados a acontecimentos do filme, elucidam as reflexões aqui propostas; 3) não há como fugir da menção dos pontos fundamentais da trama do filme para o desenvolvimento das reflexões aqui propostas, por isso, além de analítico, este trabalho também contém elementos descritivos; 4) a escolha do filme *Manderlay*, e não a do filme *Dogville*, para o desenvolvimento deste trabalho não é puramente arbitrária: há, em *Manderlay*, mais que em *Dogville*, elementos que podem ser relacionados com a obra de Paulo Freire de uma maneira clara e coerente, o que justifica essa opção.

1. A LIBERDADE CHEGA A MANDERLAY?

A história do longa-metragem de Lars von Trier se passa no sul dos Estados Unidos, em 1933, sete décadas após a abolição da escravatura naquele país. A protagonista, Grace Mulligan (nesse filme, interpretada por Bryce Dallas Howard), seu pai (Willem Dafoe) e sua caravana de gângsteres chegam a uma fazenda em Manderlay, cidade fictícia que o diretor faz situar no estado do Alabama, onde ocorre toda a trama do filme. Após a saída da cidade de Dogville, eles haviam viajado por determinado tempo, “à procura de novos territórios”² para a prática das atividades criminosas do grupo liderado

² Todas as citações retiradas do filme, seja da voz do seu narrador onisciente, que não é personagem do mesmo, ou das falas e conversas das personagens, foram reproduzidas neste trabalho tal como aparecem na versão em Português, feita pela Califórnia Filmes, para as legendas do longa-metragem.

pelo pai de Grace, conforme o narrador onisciente do filme.

A relação entre Grace e seu pai é conflituosa e, apesar de um período de trégua entre ambos após a fuga de Dogville, os desentendimentos voltam a acontecer. Apesar disto, a jovem resolve continuar o caminho junto com o pai, que já estava saindo de Manderlay, quando são abordados por uma mulher negra que solicita a ajuda de Grace. A mulher pede socorro, pois um homem chamado Timothy estava para ser chicoteado.

É na conversa com esta mulher, de nome Flora (Suzette Llewellyn), que Grace toma conhecimento do que se passava em Manderlay: negros eram ilegalmente mantidos como escravos, submissos à “Lei da Senhora”, um conjunto de prescrições para a manutenção da “ordem” na fazenda, que previa, inclusive, sanções físicas aos que a desobedecessem. Para aqueles escravos, esse conjunto de prescrições é como “o cordão umbilical, de caráter mágico e mítico, através do qual se encontram ligados ao mundo da opressão” (FREIRE, 2011, p. 239). Apenas a “Senhora” (Lauren Bacall) e sua “família” podiam ter acesso ao livro no qual estavam escritas essas prescrições. Comovida com a situação, Grace se propõe a fazer algo em favor daquelas pessoas, sendo repreendida por seu pai, que tenta convencer a filha de que aquele era “um problema local”, que não era responsabilidade dela ou de qualquer outro forasteiro, ao que indaga Grace: “Você acha que os negros quiseram sair da África? Não fomos nós que os trouxemos para cá? Foi nossa brutalidade que os transformou em escravos”. Grace assume, assim, o que entende ser uma responsabilidade histórica, isto é, a responsabilidade dos brancos estadunidenses para com os negros escravizados, o que a impulsiona a intervir na situação em favor daqueles negros. A seguinte fala de Grace, transcrita de uma de suas conversas com Timothy (Isaach De Bankolé), um dos escravos, ilustra com clareza essa perspectiva: “Nós brancos cometemos crimes irreparáveis contra uma população. Manderlay é uma obrigação moral porque nós os fizemos”.

Aqui já aparece um aspecto importante do pensamento freiriano, a saber, os diferentes tipos de postura daqueles que, enquanto opressores, passam a assumir ou não a causa dos oprimidos. O pai de Grace não tem o intuito de se comprometer com tal causa, apesar da intenção contrária de sua filha. Conforme Freire (2011, p. 111), onde quer que estejam os oprimidos, o comprometimento com a causa da sua libertação passa

a ser um *ato de amor*, e, a esta altura do filme, a personagem Grace parece tender a tal comprometimento, a tal ato amoroso.

Num gesto simbólico, Grace, auxiliada pelos gângsteres fortemente armados de seu pai, arranca o chicote das mãos do capataz que estava para açoitar Thimoty, que se encontrava amarrado a uma grade, e dá ordens para desamarrarem-no. Entra em cena, então, “a Senhora”, a *opressora*, que é detida por um dos gângsteres do pai de Grace e pela seguinte fala da jovem: “Eu lamento, senhora. A escravidão foi abolida a setenta anos. Se não quiser obedecer à lei, nós a obrigaremos”.

É notável a ambiguidade inerente à personagem de Grace, ambiguidade que se revela de modo mais intenso no decorrer do filme: trata-se da filha de um temido mafioso, e que, mesmo vivendo em discórdia com o pai, é cúmplice de várias de suas práticas criminosas, porém, solidariza-se com os negros oprimidos, prontificando-se a usar, paradoxalmente, o poder da contravenção legal, isto é, a força criminosa dos gângsteres, para combater o crime de escravidão cometido pela “Senhora”.

O que se percebe na situação de Manderlay é, de um lado, a existência de uma “ordem”, mas uma “ordem” injusta, dado ser ela fruto da opressão encarnada na figura da “Senhora”, que gera a desumanização dos homens (FREIRE, 2011, p. 41), e, de outro, uma proposta redentora, que surge da comiseração de Grace para com aquele grupo de escravos. Mas pode-se entender que a “Senhora” também vivia em estado de desumanização, pois esta “não se verifica apenas nos que têm sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que a roubam” (*Idem*, p. 40). Após ser advertida por Grace acerca do fim daquela prática criminosa, a “Senhora” se sente mal e, ao desmaiar, é amparada por Wilhelm (Danny Glover), um de seus escravos. A partir daí, uma nova realidade parecia se descortinar em Manderlay.

A revolta de Grace com a situação presenciada em Manderlay, em um primeiro momento, parece *profética*³. Em outras palavras, a jovem parece tomar “a utopia como a unidade inquebrantável entre a denúncia e o anúncio. Denúncia de uma realidade desumanizante e anúncio de uma realidade em que os homens possam ser mais” (*Idem*, p. 102). Mas isso exigirá dela um engajamento autêntico, compromisso *com* os oprimidos, uma *adesão a eles* (*Idem*, p. 110), dinamizado em uma *práxis educativa*.

³ O tema da atitude profética é longamente desenvolvido em Freire (1981).

2. COMO É POSSÍVEL VIVER EM LIBERDADE?

Em seu leito de morte, “a Senhora” pede a Grace que destrua um livro que está sob o seu colchão. É exatamente este livro que contém escrita a “Lei da Senhora”. Grace a diz, com veemência, que seus escravos serão libertos, que os portões da fazenda estavam sendo abertos, naquele momento, pelos “homens” de seu pai, “para que todos entrem e saiam quando quiserem”. A liberdade é proclamada por Grace, que avisa a Wilhelm que o livro da “Senhora” deve ser utilizado como prova para os negros processarem a família que os manteve, anos a fio, naquela situação. Assim, o tema central do filme de Lars von Trier coincide com o cerne da pedagogia freiriana, a saber, “o problema da libertação dos homens” (*Idem*, p. 33).

Contudo, tornar-se livre é algo tão novo para aqueles escravos, que eles parecem temer a liberdade, o que fica patente na seguinte fala de Wilhelm, dirigindo-se a Grace:

Wilhelm: Eu tenho medo.

Grace: Não há o que temer. Nós levaremos todas as armas da família.

Wilhelm: Não. Tenho medo do que acontecerá agora. Temo não estarmos preparados para uma vida completamente nova. Em Manderlay, os escravos jantam às dezenove horas. A que horas as pessoas jantam quando são livres? Não sabemos essas coisas.

Grace: Homens livres comem quando têm fome. As mulheres também.

A liberdade “doada” por Grace – que se sente como aqueles que “acreditam que devem ser os fazedores da transformação” (FREIRE, 2001, p. 66) – é algo com que aqueles novos libertos não podem lidar, por desconhecê-la por completo, e por não a terem conquistado, mas por terem-na recebido como um “presente”, uma “dádiva” de uma pessoa “bem-intencionada” e mais “esclarecida” que eles. O fato é que a escravidão conferia ao grupo uma regularidade, manifesta, entre outras coisas, nos horários das refeições, que agora ficarão a critério deles mesmos, e algo tão simples como comer quando se tem fome, pode ser difícil para um grupo acostumado a obedecer, e que se considera menos digno que o grupo dos homens brancos. Em uma fala marcante, uma das escravas chega a afirmar que foi “perfeitamente justo quando Deus tornou alguns de nós escravos e não outros. O negro é violento por natureza”. A marca deixada pela

opressão naquelas pessoas, tornadas mercadoria ao longo do processo histórico, fez com que elas mesmas se percebessem como tal, o que não deixava de ser, de certa maneira, confortável, enquanto elas, presas à obediência, não carregavam o peso da responsabilidade. Daí o “medo” que aparece na fala de Wilhelm, anteriormente citada, ser, na verdade, o que Freire (2011, p. 45-46) classifica como “medo da liberdade”⁴, ou, mais propriamente, “o medo de assumi-la”, visto ser a liberdade fonte de responsabilidade.

Na esperança de ver o grupo sair pelos portões da fazenda, Grace aguarda, antes de sair da cidade, mas vê suas expectativas frustradas, pois os escravos não pretendem abandonar o comodismo que a opressão traz, e que, por isso mesmo, a torna tão difícil de ser combatida. Um contundente discurso de seu pai acerca desse “comodismo” a angustia muito, mas Grace, tomada por um sentimento de responsabilidade – que não deixava de ser prazeroso a ela, enquanto a fazia ter certa sensação de poder –, decide permanecer em Manderlay, como uma espécie de tutora daquela gente considerada incauta, até que essas pessoas, reeducadas, pudessem caminhar por si mesmas, e ela pudesse, enfim, retomar sua vida longe delas. Esta proposta é feita por meio de um discurso de Grace, que não será concretizado, na prática:

Com relação à minha presença e a de meus homens, nós só agiremos como seus conselheiros. As armas são meramente uma precaução em caso de ameaças à nova comunidade. Nós pretendemos ficar aqui, mas só até a primeira colheita.

Grace acredita estar, de fato, levando a liberdade aos escravos de Manderlay. Mas eles temem a liberdade, por desconhecerem-na, pela responsabilidade que ela certamente vai gerar e, principalmente, por ela não ter sido uma *conquista*, mas uma *doação*. Grace não estava ciente de que a liberdade “não é doação que uma liderança, por mais bem-intencionada que seja, lhes faça” (FREIRE, 2011, p. 74). O que deveria estar no horizonte da personagem é “que a libertação dos oprimidos é libertação de homens e não de ‘coisas’. Por isto, se não é autolibertação – ninguém se liberta sozinho –, também não é libertação de uns feita por outros” (*Idem*, p. 74).

⁴ Aqui se manifesta a influência que Paulo Freire recebeu do pensamento existencialista de Jean-Paul Sartre. Ver Freire (2011, p. 98). Cf. Sartre (2012).

3. TEMPOS PROMISSORES EM MANDERLAY, MAS ATÉ QUANDO?

Grace e os gângsteres se estabelecem em Manderlay, mas ela “estava lá vigiando. Nada mais”. O regime de dominação parece mesmo ter chegado ao seu fim. Manderlay passa a viver um período de tediosa calma, tanto para os escravos libertos, agora chamados de “acionistas” daquela nova “empresa livre”, quanto para seus supostos libertadores. Em meio aos moradores da fazenda, Grace passa a observar o modo como eles se comportam, “na esperança de ver o florescer da mudança de caráter que a liberdade deveria trazer. Mas, infelizmente, ela viu muito pouco disso”.

Com efeito, os libertos passaram a se entregar cada vez mais ao ócio, e o comportamento dos mesmos parecia não mudar, exceto pelo fato de que eles pararam de realizar suas tarefas de trabalho na fazenda, e isto não se deve a um oportunismo da parte deles, mas ao fato de que lhes era necessária uma força coercitiva, antes encarnada na pessoa da “Senhora”, para que eles trabalhassem. Nem mesmo as suas cabanas repletas de goteiras aqueles escravos libertos eram capazes de consertar, tão profunda fora a incorporação do sentimento de indignidade por parte deles. É bem verdade que eles, antes, eram privados até mesmo do direito de cortar uma árvore para usar a madeira para proveito próprio, visto que as árvores que estavam no “Jardim da Velha Senhora” não podiam ser cortadas.

Não querendo interferir na liberdade dos escravos, Grace, todavia, viu-se forçada a saber deles porque o algodão, que já deveria ter sido plantado, ainda não o havia sido, e a resposta de Wilhelm, no trecho da conversa com Grace, transcrito a seguir, elucida bem a necessidade de direcionamento do povo agora liberto, mas que ainda vive sob o espectro da opressão incorporada em seu modo de ser:

Wilhelm: Os campos deveriam ter sido semeados há três semanas e o algodão, plantado há duas semanas.

Grace: Todos sabem disso?

Wilhelm: Sim, mas eu acho que eles esperam que outra pessoa vá ao campo primeiro. Nos velhos tempos, a capataz Mays nos levava até lá.

Assumir a responsabilidade daquilo que agora lhes pertence, colocando em

movimento as forças necessárias para a plantação do algodão, é algo que os ex-escravos não conseguem fazer de forma voluntária, devido ao condicionamento da opressão sofrida por anos. Era mais simples obedecer. Grace começa a perceber que libertar aqueles homens e mulheres é algo que vai muito além da simples derrubada de um poder opressor; é preciso reeducar aquelas pessoas para que elas se apropriem, de fato, da sua nova condição de seres humanos livres, que consiste na “vocação do *ser mais*”, segundo Freire (2011, p. 40. Grifo do autor). Para isto, faz-se necessário colocar em prática uma série de “*trabalhos educativos*, que devem ser realizados *com* os oprimidos, no processo de sua organização” (FREIRE, 2011, p. 57. Grifos do autor).

Mas como reeducar um povo que nem sequer consegue perceber a arbitrariedade da “Lei da Senhora”, que confere a cada um de seus escravos, um número, de um a sete, que os classifica conforme aquilo que é considerado como sua natureza? Tais números são, conforme o narrador do filme, “grilhões” que mantinham os escravos em seus alojamentos, isto é, um instrumento simbólico de dominação, responsável pela manutenção da divisão social naquele espaço, um “cativeiro, mesmo através da psicologia”. Os números “representavam a divisão psicológica dos escravos de Manderlay”. Classificá-los, inculcando-lhes, de modo quase doutrinário, um perfil psicológico, era uma das estratégias empregadas pela “Senhora” para melhor controlá-los e “domesticá-los”. Assim, havia os negros “tagarelas”, os “agressivos”, os “palhaços”, os “fracassados”, os “amáveis” (leia-se “dóceis”), os “loucos” e os “arrogantes”. Até mesmo a quantidade diária de comida, isto é, de “ração”, que os negros comiam era determinada por essa “classificação psicológica”.

4. UMA PEDAGOGIA DA LIBERDADE?

Fazer os escravos libertos deixarem para trás a sua condição de dominados, inclusive em sentido psicológico, necessitava de uma intervenção de Grace, que começa a elaborar e a colocar em prática um *processo educativo*. Wilhelm, em uma conversa com Grace, afirma, de modo explícito, que os negros de Manderlay não podiam, naquele momento, conhecer o livro que traz escrita a “Lei da Senhora”, que ele deve sim, tornar-se

público, mas que eles não estavam “preparados” para isso. Ou seja, tornava-se cada vez mais urgente a necessidade de “prepará-los” para a liberdade, tarefa assumida com entusiasmo por Grace, ainda que boa parte dos escravos ainda percebesse com desconfiança a sua presença. Afirma Grace: “Certo. Então, temos de prepará-los, e rápido. E eu não falo de reuniões que organizei às quais ninguém compareceu. Eu falo de um *horário de aulas*. Ensinar à moda antiga” (Grifo meu). Mais à frente, dirigindo-se a seus gângsteres, Grace é enfática: “Tenho algo para vocês, finalmente, que envolve comando. Amanhã, ao meio dia, eu darei minha primeira aula aos ex-escravos de Manderlay. Façam com que eles estejam lá. Não há desculpas para não irem”.

Mas um processo educativo autêntico, crítico, libertador, depende da aceitação do oprimido, da simpatia e da confiança mútuas (FREIRE, 2011, p. 143-144), e isto não pode ser imposto (*Idem*, p. 145), sob pena do processo se tornar uma “invasão cultural”, mesmo que realizada “com a melhor das intenções. Mas ‘invasão cultural’ sempre” (*Idem*, p. 119).

Aceitando o fato de que aqueles ex-escravos não estavam prontos para uma vida liberta, Grace toma sua primeira decisão que segue na contramão de uma *educação problematizadora e libertadora* (FREIRE, 2011, p. 86-87), e esta decisão marca uma guinada no enredo do filme: ao pretender ensiná-los a serem livres, marcando um “horário de aulas” fixo, com o intuito de ensiná-los “à moda antiga”, mesmo que inadvertidamente ou de modo bem-intencionado, Grace estará fazendo uso de um método vertical (FREIRE, 2011, p. 72), impositivo, cuja fonte de saber é ela própria, que passa a se ver como a doadora da liberdade a um povo supostamente inculto. Grace pretende, paradoxalmente, obrigar, de certo modo, os moradores de Manderley a serem livres, e esta sua atitude começa a revelar o opressor hospedado nela. Nesse caso, uma “liderança revolucionária, que não seja dialógica com as massas, ou mantém a ‘sombra’ do dominador ‘dentro’ de si e não é revolucionária, ou está redondamente equivocada e, presa de um sectarização indiscutivelmente mórbida, também não é revolucionária” (FREIRE, 2011, p. 170). O opressor já vivia dentro de Grace, embora, certamente, o contexto e a condição dos escravos contribuíssem para o seu florescimento, opressor que, igualmente, estava hospedado nos próprios oprimidos, como marca da violência do

processo histórico pelo qual passaram (*Idem*, p. 209).

A primeira “lição” de Grace aos seus “alunos”, obrigados a ouvirem-na, vale a pena repetir, diz respeito à democracia. Eis a pergunta central da lição: o que é democracia? Grace a define como “o governo pelo povo”. Mas a parte conceitual da lição carece de um método: como explicar o que é democracia a um povo que a desconhece por completo, na expressão de Freire (2003, p. 32), a um povo que sofre por sua “inexperiência democrática”?

Como se percebe, a antialogicidade do processo educativo de Grace já se mostra no fato de que *ela* decidiu o conteúdo programático de sua aula a partir de um tema que *ela* considera legítimo e necessário de ser ensinado, sem levar em conta as reais necessidades daquela gente (FREIRE, 2011, p. 115-119).

Grace chega a ensaiar uma problematização a partir de situações concretas, as quais fazem parte do dia a dia dos ex-escravos de Manderlay: é proposto a eles que apresentem questões da comunidade para que sejam resolvidas por meio de uma votação, e as questões vão surgindo. A quem pertence o ancinho quebrado? Os escravos libertos podem rir alto de suas piadas até altas horas ou devem ser mais silenciosos a partir de determinado horário, a fim de respeitarem o sono dos demais? Quem deve ser encarregado de dar corda no velho relógio da fazenda? Essas perguntas foram suscitadas pelos próprios ex-escravos, e votadas por todos, sendo acatada a decisão da maioria.

Não obstante, há questões objetivas, as quais não dependem de uma decisão popular, mas que eles pensam poder decidir de igual maneira, por exemplo, se faltam cinco ou oito minutos para determinada hora do dia, para a “hora certa”. Esta questão é igualmente reveladora da inexperiência democrática, da inexperiência do poder (FREIRE, 2011, p.), daquele povo que passava a ter “aulas de liberdade” com a “professora” Grace.

Sobre a querela acerca da posse do ancinho quebrado, é interessante mencionar que Grace, ao propor a votação, aponta três vias: ele pode pertencer à ex-escrava Elizabeth (Gini Holder), à ex-escrava Flora, ou “às duas partes”. Grace é partidária da terceira via, já que um dos objetivos da aula era ensiná-los a “trabalhar juntos, dividir juntos” aquilo que seriam os seus meios de produção. Contudo, a “maioria achou que o

ancinho era de Elizabeth, poucos, que era de Flora e ninguém, que ele deveria ser dividido”, revelando assim que o senso de desigualdade de posse estava arraigado naqueles negros libertos. Apesar de discursar a eles, de “sloganizar” (FREIRE, 2011, p. 181) sobre as “dificuldades de Flora para arar sem o ancinho e das vantagens da posse conjunta”, o fato é que aquele instrumento de trabalho passou a pertencer, “democraticamente”, a Elizabeth.

No entanto, as “aulas” de Grace não eram apenas para os libertos, mas também para seus antigos opressores: os familiares da “Senhora” que ainda estavam vivos e morando na fazenda, embora dominados por Grace e por seus gângsteres. Com esse outro grupo, Grace se mostrava sempre mais severa, exatamente por pretender punir aquelas pessoas pelos crimes cometidos por elas contra os negros da fazenda. É interessante mencionar uma punição exemplar dada por Grace a eles: ela dá ordens para que todos pintem seus rostos de preto, de modo a ficarem negros como os escravos, e faz com que brancos e negros se sentem à mesma mesa para fazerem juntos a refeição da noite. Há aqui uma tentativa forçada de acabar com o abismo social que separa uns e outros na fazenda, enaltecendo os negros e humilhando os brancos, na concepção da protagonista do filme. O que Grace não sabe – ou parece não saber – que ambos, opressores e oprimidos, precisam ser igualmente libertos.

5. EDUCAÇÃO E DESOLAÇÃO: UMA RELAÇÃO POSSÍVEL?

Passado um período relativamente estável, a difícil situação de Manderlay ficou ainda mais séria em decorrência de uma tempestade de areia que destruiu todas as provisões de alimentos das pessoas que ali viviam, sem contar o fato de que as nuvens de poeira ocasionaram graves problemas de saúde em alguns moradores, como por exemplo o caso de Claire (Wendy Juel), uma menina que contraiu pneumonia. Segundo o narrador do filme, a “empresa liberta de Manderlay estava destruída”.

Desiludida com a situação, Grace acreditava que suas “aulas” não aconteceriam mais, tamanha deveria ser a dor e a frustração daqueles escravos libertos. No entanto, para a sua surpresa, todos eles compareceram à aula, e não apenas para ouvir mais um

de seus “sermões”, na própria expressão de Grace, mas para sugerirem ações que pudessem transformar aquela situação desesperadora, se não, ao menos amenizá-la. Justamente Timothy, o “escravo arrogante”, propôs o seguinte: “Há milhões de plantas sob a poeira. Se pudermos salvar cinquenta delas, talvez possamos cultivar pouco, com mais qualidade por um preço melhor. Acho que devemos agir”. E assim aconteceu: o desastre que recaiu sobre Manderlay colocou, ao menos por um certo tempo, ex-escravos e brancos que viviam ali, isto é, Grace, os gângsteres e os membros da família da “Senhora”, trabalhando de forma conjunta, já que “com um inimigo em comum, a poeira, como desculpa, de repente, trabalharam lado a lado com seu mais mortal inimigo para atingir um só objetivo, como americanos adultos e livres”.

Mas, embora Grace afirmasse, com certa dose de convicção, que ela estava “junto” com os libertos, independentemente das dificuldades, o fato é que os problemas começavam a aumentar, especialmente no que tange à escassez cada vez maior de comida. Então Grace volta a propor:

Eu proponho que nós dividamos o que sobrou e estendamos nossa provisão por mais um mês até podermos colher mais das hortas. E eu soube que há muito pouco feijão e pouca batata, então, vamos dar a Rose, porque Claire [a menina com pneumonia] precisa. O que sobrar será dividido igualmente entre o resto de nós.

Mas a radicalidade da proposta de Grace, como era de se esperar, não é bem aceita por alguns dos brancos que ali viviam. Um dos gângsteres não aceita ser incluído entre “o resto de nós”. Para ele, os brancos deveriam receber um tratamento diferenciado daquele oferecido aos negros. Esse gângster chega a evocar a liberdade que o pai de Grace dava a eles para conseguirem o que quisessem, mesmo que forma ilegal. A falta de recursos materiais, assim como a inevitável comparação de Grace com o seu pai, feita pelos seus gângsteres, provocaram um clima tenso em Manderlay, que parecia caminhar para uma nova guinada naquela situação.

6. A FOME TORNA TUDO MUITO PIOR

A vida dos moradores de Manderlay fica ainda mais difícil: a fome é uma realidade que intensifica todos os seus sofrimentos, e, como se esses já não fossem excessivos, a menina Claire vem a falecer, e seus pais acusam Wilma (Mona Hammond), uma negra idosa, pela morte da filha. De fato, o jumento que fazia girar o moinho (moinho chamado de “Poço de Lúcifer”) fora sacrificado para servir de alimento apenas à Claire, que adoecera devido à tempestade de areia que abatera Manderlay. Faminta, desesperada de tanto comer apenas terra, Wilma passou a comer, sem que ninguém visse, a carne que era destinada a Claire, o que, na concepção dos ex-escravos, fez com que a menina enfraquecesse cada vez mais até morrer.

O caso da morte de Claire é levado à discussão e votação pelos escravos libertos, pois, como propusera Grace, todas as decisões do grupo deveriam ser tomadas assim, democraticamente. Wilma é, então, condenada, e os pais de Claire propõem a execução da idosa, em detrimento da intercessão de Grace, que tentara atenuar o “crime” de Wilma, defendendo a tese de que, mesmo se Claire estivesse se alimentando bem, ela não resistiria à pneumonia. Mas o fato é que o grupo não concorda com Grace, e decide colocar a sentença em prática. O instrumento democrático levado por Grace aos escravos libertos passa a servir como instrumento de morte.

Resta a Grace apenas acatar a decisão do grupo, porém, fazendo uso de um artifício para amenizar o sofrimento daquela senhora: Grace mente para Wilma acerca de sua sentença, dizendo que os escravos a haviam absolvido. Aliviada, Wilma dorme, e então Grace a executa, misericordiosamente, com um tiro na nuca.

Ao tratar da violência que os oprimidos dirigem a outros oprimidos nas sociedades marcadas pelo antagonismo de classes, Paulo Freire lança mão do conceito de “violência horizontal” (FREIRE, 2011, p. 68), pertinente para a compreensão desse trecho do filme de Lars von Trier. Conforme o educador, na “imersão em que se encontram, não podem os oprimidos divisar, claramente, a ‘ordem’ que serve aos opressores que, de certa forma, ‘vivem’ neles” (*Ibidem*). Assim, a situação de opressão, arraigada na consciência dos oprimidos, “muitas vezes os leva a exercer um tipo de violência horizontal com que

agredem os próprios companheiros” (*Ibidem*). Há, nessas manifestações de violência, a explicitação de uma ambiguidade, de uma dualidade, já que, ao “agredirem seus companheiros oprimidos estarão agredindo neles, indiretamente, o opressor também ‘hospedado’ neles e nos outros. Agredem, como opressores, o opressor nos oprimidos” (FREIRE, 2011, p. 68). Trata-se da canalização da violência a sujeitos já violentados. Isso explica por que são tão comuns as violências dos oprimidos contra outros oprimidos, ainda que não justifique o direcionamento da violência aos opressores. Liberdade e violência não são sinônimos, pois a violência fere a ontológica e histórica vocação dos homens – a dos *ser mais*” (*Idem*, p. 57-58. Grifo do autor).

7. DE REDENTORA A OPRESSORA

Apesar dos conflitos passados e da fome, a situação de Manderlay se estabiliza. A primeira colheita do algodão na nova “empresa livre” é bastante próspera, assim como a venda do produto. Conforme o narrador do filme, foi “como [se] todas as privações e tribulações deixassem o algodão mais branco e as fibras mais fortes. E mesmo com os preços atuais, ele traria uma soma recorde”. Agora, os ex-escravos têm dinheiro no banco, dinheiro que pertence a todos eles. A convivência entre negros e brancos na fazenda é harmoniosa e alegre. Nesse ínterim, o pai de Grace a envia uma mensagem por meio de um de seus gângsteres, propondo-a que volte para o lado dele. Convicta de ter implementado uma mentalidade democrática na convivência dos escravos, ela diz ao portador da mensagem: “Diga a papai que novos tempos chegaram em Manderlay”.

Mas toda a euforia com a nova Manderlay duraria pouco: uma caixa com dinheiro pertencente aos membros da “empresa livre” desaparece, e todos parecem culpar os gângsteres de Grace pelo suposto roubo. O alojamento dos ex-escravos é incendiado e alguns deles são mortos, devido a uma série de conflitos e trocas de acusações entre eles acerca de quem poderia ter roubado o dinheiro. E, com efeito, Timothy, o “escravo arrogante”, “tesoureiro” do grupo, havia roubado a caixa e apostado todo o dinheiro em uma mesa de carteador, em mais uma demonstração daquela violência horizontal, já tratada neste texto.

A “proposta pedagógica” de Grace, dadas as suas limitações, foi insuficiente para romper a “aderência” ao opressor (FREIRE, 2011, p. 44), presente nas relações entre aqueles oprimidos, e visível na atitude de Timothy. Aderindo ao opressor, os oprimidos não conseguem “admirá-lo”, expressão que aqui deve ser entendida como a capacidade de objetivação e descoberta do opressor fora dos oprimidos, para, assim, deles se desvincularem existencialmente (*Ibidem*). Enquanto oprimido aderido ao opressor, Timothy empregou uma estratégia de opressão contra os seus semelhantes. Nos casos de “aderência” ao opressor,

os oprimidos, em vez de buscar a libertação na luta e por ela, tendem a ser opressores também, ou subopressores. A estrutura de seu pensar se encontra condicionada pela contradição vivida na situação concreta, existencial, em que se “formam”. O seu ideal é, realmente, ser homens, mas, para eles, ser homens, na contradição em que sempre estiveram e cuja superação não lhes está clara, é ser opressores. Estes são o seu testemunho de humanidade (*Ibidem*).

Com o intuito de não mais ser oprimido, isto é, pretendendo tornar-se um “homem novo” (*Ibidem*), Timothy trai a confiança de seus companheiros, roubando-lhes a renda coletiva da colheita do algodão, podendo muito bem ser considerado como aqueles que pensam que

o novo homem são eles mesmos, tornando-se opressores dos outros. A sua visão do homem novo é uma visão individualista. A sua aderência ao opressor não lhes possibilita a consciência de si como pessoa, nem a consciência da classe oprimida (FREIRE, 2011, p. 44-45).

Decepcionada, Grace recorre a um objeto que deveria ter sido destruído, mas que não o fora: o livro com a “Lei da Senhora”. Ao abri-lo, Grace foi diretamente para as páginas finais, que traziam anotações particulares feitas pela Senhora sobre cada um dos escravos. Só então Grace se deu conta de que, na realidade, Timothy não era um “escravo arrogante”, como ela pensava, mas um “escravo camaleão”, que poderia se “transformar”, adaptando-se a situações diversas para defender interesses próprios. Assim, Timothy que, segundo o livro era “diabolicamente esperto”, usava de um certo poder de sedução para confundir as pessoas, especialmente as mulheres.

Desiludida com a seu exaustivo e infrutífero trabalho “educativo” com o povo de Manderlay, Grace decide aceitar o convite de seu pai e resolve ir embora juntamente com

ele. A jovem convoca uma reunião para se despedir, para sempre, dos escravos libertos, mas ela é surpreendida ao ver que todos já estavam reunidos, atendendo a uma convocação “extraordinária” feita por Wilhelm. Grace, então, põe-se a discursar, desmascarando Timothy: ela devolve parte do dinheiro da colheita que estava com o trapaceador do carteador, e revela toda a verdade sobre aquele “escravo camaleão”. Em seguida, Grace entrega, finalmente, aos negros o livro com a “Lei da Senhora”, quando uma revelação a toma de assalto: o livro fora escrito por Wilhelm, não pela Senhora.

Conforme Wilhelm, quando a escravatura foi abolida naquele país, ele e a Senhora eram jovens, e todos se perguntavam se os negros estariam “preparados” para a liberdade, ou se “o mundo estava preparado para eles”. Fugindo da angústia que a liberdade parecia trazer, ambos foram pragmáticos: desenvolveram um plano para que os negros se mantivessem como escravos em Manderlay, apesar da abolição no restante do país. Aqui, novamente aparece o “medo da liberdade” mencionado por Freire (2011, p. 31), pois, se a supressão da liberdade tinha um lado positivo, era o de aliviar das costas dos negros do peso que, paradoxalmente, a liberdade poderia trazer com a responsabilidade como seu produto mais direto. Assim, o que para Grace era “uma prolongação da escravatura”, uma “receita de opressão e humilhação”, para Wilhelm, para a Senhora, e mesmo para os demais escravos era “o menor dos males”.

A “Lei da Senhora” fora conveniente para os proprietários da fazenda, e um gesto paternalista da parte de Wilhelm. Em suas palavras, a “Lei da Senhora” fora escrita por ele, “para o bem de todos”. Tal lei era carregada daquilo que o narrador do filme apresentou como sendo uma “qualidade misericordiosa”, que pode ser entendida como a capacidade de tornar cômoda a vida daqueles negros, afinal, em Manderlay, todos tinham “comida”, “sombra”, “abrigo” e uma garantia de sobrevivência, sem mencionar que era preferível “reclamar de seus patrões” a “culpar-se pela vida sem esperança que, certamente, eles teriam no mundo lá fora”. Sobre este aspecto, parafraseando o filósofo alemão George Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), Freire (2011, p. 32) afirma que “o que teme a liberdade se refugia na segurança vital [...], preferindo-a à liberdade arriscada”.

A questão que se deve colocar é que, na concepção antropológica de Paulo Freire,

a situação existencial faz com que os oprimidos carreguem em si mesmos o opressor, ao menos potencialmente falando. Assim como aconteceu com Timothy, Wilhelm, “aderido” à “Senhora”, não consegue perceber que é necessário objetivá-la enquanto opressora, a fim de compreender melhor a lógica da dominação e divisar a possibilidade de superação da mesma para se atingir a liberdade em sua plenitude.

O grande problema está em como poderão os oprimidos, que “hospedam” o opressor em si, participar da elaboração, como seres duplos, inautênticos, da pedagogia de sua libertação. Somente na medida em que se descubram “hospedeiros” do opressor poderão contribuir para o partejamento de sua pedagogia libertadora. Enquanto vivam a dualidade na qual ser é parecer e parecer é parecer com o opressor, é impossível fazê-lo. A pedagogia do oprimido, que não pode ser elaborada pelos opressores, é um dos instrumentos para esta descoberta crítica – a dos oprimidos por si mesmos e a dos opressores pelos oprimidos, como manifestações da desumanização (FREIRE, 2011, p. 43).

É inegável que Wilhelm também elaborou uma “pedagogia”, mas, aderido à estrutura vigente de poder e incapaz de perceber-se aderido, sua “pedagogia” só poderia reproduzir o sistema de opressão, ainda que de forma *bem intencionada*. Reconhecer o opressor hospedado em si mesmo – o que exige uma profunda problematização de sua situação – seria a condição *sine qua non* de um posicionamento consciente de Wilhelm em favor de seus companheiros oprimidos. Só assim Wilhelm, enquanto um potencial educador progressista, problematizador (FREIRE, 2011, p. 86-87), poderia, de fato, elaborar uma pedagogia *do* oprimido *para* os oprimidos e *com* os oprimidos.

Não obstante a argumentação de Wilhelm sobre a necessidade da “Lei da Senhora”, Grace ainda tenta convencê-lo de que a liberdade vale mais do que a suposta segurança que aquela lei conferia aos escravos. Contudo, para ele, o discurso de Grace não passava de um “argumento filosófico”, e a manutenção daquela situação ainda era importante, e não somente isto: todos sentiam a necessidade de obedecer alguém, e, como a Senhora estava morta, era preciso instituir outra. Grace é unânime e “democraticamente” escolhida para ser a nova Senhora, o novo símbolo de poder naquela fazenda. O que os homens e mulheres de Manderlay, liderados por Wilhelm, não conseguiam compreender, devido às marcas históricas da opressão neles deixadas, é que “a superação autêntica da contradição opressores-oprimidos não está na pura troca de lugar, na passagem de um polo a outro. Mais ainda: não está em que os oprimidos de

hoje, em nome de sua libertação, passem a ter novos opressores” (FREIRE, 2011, p. 61). De fato, eles nem pretendiam buscar a superação daquela situação, mas sim, mantê-la, apesar dos prejuízos de tal manutenção. A “Senhora” e sua “lei” haviam sido mitificadas, tidas como um poder mágico, sagrado, e a libertação real daqueles escravos dependia de uma “exigência radical, tanto para o opressor que se descobre opressor, quanto para os oprimidos que, reconhecendo-se contradição daquele, desvelam o mundo da opressão e percebem os mitos que a alimentam” (FREIRE, 2011, p. 50).

Conforme as palavras de Wilhelm, a “América não estava preparada para receber os negros como iguais a setenta anos e ainda não está. E ela não estará nem daqui a cem anos”. Como era de se esperar, Grace se recusa a ser a nova “Senhora”, mas é impedida, a princípio, de abandonar a fazenda. Wilhelm apresenta um argumento para tentar forçar Grace a ser a nova “Senhora”. Eis as palavras ameaçadoras do autor da lei, dirigindo-se à jovem:

Com todo seu idealismo acho que você apreciaria ser a *guardiã* de uma espécie de mistura de criaturas que não teve chance lá fora. Assim como achou que a ideia de comunidade fosse boa para nós. Você tinha tanta certeza, *que se permitiu usar de força para nos convencer*. Eu lamentaria se tivéssemos de fazer o mesmo (Grifos meus).

Após ouvir tudo o que Wilhelm dissera, Grace parece ter percebido a ingenuidade de sua leitura da situação de Manderlay. Desde o princípio ela poderia ter percebido que, caso os escravos quisessem fugir daquela fazenda, nada os poderia impedir. A ausência de esperança, provocada pela histórica situação de opressão e “coisificação” (FREIRE, 2011, p. 243) vivida pelos escravos em Manderlay, é a causa principal da inação desses escravos do fatalismo⁵ presente na concepção de mundo dos mesmos, um “fatalismo, alongado em docilidade”, conforme Freire “fruto de uma situação histórica e sociológica e não um traço essencial da forma de ser do povo” (*Idem*, p. 67). E ainda, o peso da opressão lhes parecia mais leve que o da responsabilidade, o que pode ser compreendido como um efeito ideológico e psicológico da opressão mesma.

Desconcertada com a sua “eleição” para nova “Senhora”, mas impedida de deixar a fazenda, Grace pensa e executa um plano final. Para fugir dali e finalmente encontrar o

⁵ É interessante a discussão sobre esse tipo de fatalismo desenvolvido por Freire (1996, p. 72-76; 98-104)

seu pai, que a aguardaria em poucos minutos no portão da fazenda, era preciso que se retirasse uma das grades que cercavam a propriedade, grades que só eram retiradas para servir de pelourinho no açoite dos escravos. Grace propõe, assim, que Timothy seja açoitado, como pena por sua traição ao grupo ao usar dinheiro da venda do algodão para jogar cartas. Assim é feito. A grade foi retirada, abrindo um espaço por onde Grace poderia fugir. Timothy foi amarrado à grade e a Grace foi entregue um chicote para açoitá-lo. Com o chicote nas mãos, Grace fala com Timothy e com os demais escravos:

É esse ódio, Timothy, que você e os seus têm contra si que eu nunca vou aceitar. Você é um vigarista da pior espécie. E Wilhelm e todos que o seguirem são traidores de sua raça. Eu espero que seus camaradas negros descubram essa traição e os castiguem por isso. Vocês me enojam.

Em seguida, Grace solta o chicote ao chão, e ameaça sair da fazenda sem açoitar o escravo, mas é interrompida pela voz de Timothy: “Você tem toda razão, senhorita Grace. É quase impossível insultar os negros. Mas eu não entendo o que a deixa tão indignada. [...] Não está se esquecendo de nada? Vocês nos fizeram”. Grace, irada, retorna, toma novamente o chicote em suas mãos e açoita Timothy até deixá-lo inconsciente.

Finalmente, Grace sai da fazenda, mas não encontra o pai à sua espera. Tudo o que ela vê é um buquê de rosas com um bilhete. Seu pai aparecera na entrada da fazenda, mas ao “espionar”, e ao vê-la chicoteando Timothy com tão grande raiva, ele acreditou que ela estivesse feliz naquele lugar. “Orgulhoso” da filha, ele resolve deixá-la as flores com o bilhete, alimentando a esperança de um dia reencontrá-la para que ela lhe conte como eram os “novos tempos em Manderlay”.

Sozinha, Grace foge, e o filme se encerra com a exibição de inúmeras fotos históricas, todas elas retratando, de um modo ou de outro, situações de opressão e violência cometidas contra os negros nos Estados Unidos da América.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A distância (temporal e espacial) que separa o pensamento de Paulo Freire do

filme *Manderlay* não é impeditiva de uma leitura deste com base naquele, se a intenção é pensar a constituição da educação – *ação política* em sua essência (FREIRE, 2011, p. 120) – e das práticas pedagógicas atuais de modo consistente, mas também com certa ludicidade. O filme, aqui analisado dentro de uma ótica freiriana, revela-se um instrumento interessante, a partir do qual se pode perceber, em cenas concretas de uma trama fictícia, elementos que perpassam o pensamento do educador brasileiro, e o exercício proposto neste texto pode servir de ensejo para discussões entre educadores, licenciandos e pesquisadores em Educação, que podem criticar as observações feitas aqui, acrescentando a elas aspectos omitidos, ou analisá-los de outro modo.

A título de conclusão, é verdade que as ações de Grace ao longo do filme parecem revelar “boas intenções” e, em determinados momentos, como se procurou mostrar, a protagonista chega a empregar métodos coerentes com a proposta político-educativa de Paulo Freire. Porém, consciente ou inconscientemente, Grace se colocava acima dos escravos libertos, imaginando que a sua responsabilidade era a de garantir a inserção dos mesmos em uma nova realidade, em uma realidade democrática e comunitária, *doando-lhes*, para tal, a liberdade. Mas a liberdade é uma conquista, não uma dádiva. Aderir ao oprimido “e considerar-se proprietário do saber revolucionário, que deve, desta maneira, ser doado ou imposto ao povo, é manter-se como era antes” (FREIRE, 2011, p. 66). E ainda: “o convencimento dos oprimidos de que devem lutar por sua libertação não é doação que lhes faça a liderança revolucionária, mas resultado de sua conscientização” (*Idem*, p. 74). O que passa longe da compreensão de educação de Grace é que o educador crítico, problematizador, não deve trabalhar *para* o povo, mas *com* ele, numa atitude profundamente *dialógica*. A jovem protagonista do longa-metragem não tem ciência de que “ensinar exige disponibilidade para o diálogo”, mas essa disponibilidade deve ser *radical*, tema discutido em Freire (1996, p. 135-140). Assim, pretender-se “comprometido com a libertação e não ser capaz de *comungar* com o povo, a quem continua considerando absolutamente ignorante, é um doloroso equívoco”. (FREIRE, 2011, p. 74). Grifos do autor). Querendo inovar, Grace retrocede. Pretendendo ser crítica, a ação cultural de Grace se aproximava mais dos métodos dos “educadores bancários” (FREIRE, 2011, p. 79-86).

A “boa intenção”, “generosidade” de Grace era, na verdade, uma “falsa generosidade”, uma forma de exercício de seu poder, manifesto na verticalidade de seu processo educativo. Segundo Freire (2011, p. 41):

Os opressores, falsamente generosos, têm necessidade, para que a sua “generosidade” continue tendo a oportunidade de realizar-se, da permanência da injustiça. A “ordem” social injusta é a fonte geradora, permanente, desta “generosidade” que se nutre da morte, do desalento e da miséria.

Ao *denunciar* a situação de opressão em Manderlay e *anunciar* uma chance de libertação, Grace se revela profética. Não obstante, sua atitude vai, aos poucos, se mostrando ineficaz e inautêntica, esvaziando-se em um profetismo vazio ou em um messianismo manipulador (FREIRE, 2011, p. 225), pois *anúncio* e *denúncia* não são “palavras vazias, mas compromisso histórico” (*Idem*, p. 102), um compromisso que até chegou a se mostrar presente em Grace, mas que não conseguiu envolvê-la por completo na luta *com* os escravos de Manderlay.

Assim, Grace promove uma “manipulação adocicadamente paternalista” (FREIRE, 2011, p. 113) dos escravos de Manderlay, o que não a distingue muito de Wilhelm. Na verdade, aos poucos as suas concepções supostamente revolucionárias vão dando lugar um novo matriarcalismo, apenas aparentemente menos opressor que o da antiga “Senhora”, e, no caso de uma libertação autêntica, não se pode trazer as pessoas oprimidas ao processo de libertação “através dos mesmos métodos e procedimentos usados para oprimi-las” (*Idem*, p. 171-172).

Poderia se advogar em defesa de Grace, que as suas boas intenções foram vencidas pelo cansaço, como popularmente dito, daí a sua desistência de seu “projeto revolucionário”. Contudo, uma educação progressista, nutrida pela utopia de uma sociedade justa, precisa se mostrar incansável na luta contra a opressão, de acordo com o pensamento freiriano. Só assim, as escravidões terão fim. Só assim se poderá pensar em uma *educação como prática da liberdade* (*Idem*, p. 98), em uma *ação cultural para a liberdade* (FREIRE, 1981). Mas trata-se de um desafio de magnitude hercúlea, já que, muitas das vezes, o peso da responsabilidade que a liberdade traz como consequência impele os homens a preferirem a servidão voluntária à libertação real, como já mostrava,

no século XVI, Étienne de la Boétie.⁶

9. REFERÊNCIAS:

BOÉTIE, É.de la. **Discurso da servidão voluntária**. São Paulo: Martin Claret, 2009. (Coleção A obra prima de cada autor).

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz & Terra, 1996 (Coleção Leitura).

_____. **Educação e atualidade brasileira**. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

SARTRE, J.-P. **O existencialismo é um humanismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. (Coleção Vozes de Bolso).

TRIER, L.von. **Dogville**. São Paulo: Califórnia Filmes, 2003.

_____. **Manderlay**. São Paulo: Califórnia Filmes, 2006.

⁶ Cf. Boétie (2009).